

O livro *Noção de objeto, concepção de sujeito: Freud, Piaget e Boesch*, resultado da colaboração de três professores e pesquisadores do Instituto de Psicologia da USP, promove a interlocução entre teorias a partir de um recorte fundamental: a orientação epistemológica quanto à dicotomia sujeito-objeto. É com essa proposta que Livia Mathias Simão, Maria Theresza Costa Coelho de Souza e Nelson Ernesto Coelho Junior expõem os eixos gerais e debatem os limites heurísticos da psicanálise de Freud, do construtivismo genético de Piaget e do construtivismo semiótico-cultural de Boesch, respectivamente.

Os artigos são versões ampliadas de falas apresentadas em uma mesa-redonda. Desse espaço inicial de debate e de uma demanda de aprofundamento de questões no plano epistemológico das teorias psicológicas, nasceu a idéia da publicação. O livro reflete as circunstâncias em que se originou, trazendo não só os artigos, mas ainda questões endereçadas de um autor ao outro. Essa particularidade dá ao texto tanto o caráter rigoroso e criterioso de um trabalho científico quanto a agilidade e a informalidade dos debates que instigam a produção teórica. Assim, sem pender para o hermetismo ou o academicismo desnecessários, o livro possibilita a imersão na experiência da pesquisa como ela se

## Fundamentos epistemológicos de teorias psicológicas em debate

Resenha de L. M. Simão; M. T. C. C. de Souza e N. E. Coelho Junior, **Noção de objeto, concepção de sujeito: Freud, Piaget e Boesch**, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002, 120 p.

dá: na discussão a partir das diversas perspectivas trazidas pela comunidade científica.

A proposta do livro reflete uma filiação ético-epistemológica. Abrindo mão de uma concepção epistemológica unívoca ou de uma verdade transcendente, os autores reconhecem que os objetos de determinada teoria são por ela constituídos e limitados: sujeito e objeto estão intrinsecamente relacionados. Contudo, as concepções de sujeito quase invariavelmente encontram-se implícitas nas teorias, daí a importância de elucidar desses pressupostos. Mais do que uma discussão sobre o fundamento epistemológico, o campo do saber psicológico contribui para evidenciar limites nas próprias concepções, uma vez que traz o desafio de conceber um objeto que é um outro sujeito. Recai-se, assim, no campo ético de uma intersubjetividade em que a alteridade do outro não pode ser recusada.

A psicanálise freudiana não traz uma definição explícita de sujeito. O argumento de Nelson Coelho Junior parte dos diversos usos do objeto em Freud para evidenciar a pluralidade de noções de objeto, inferindo assim concepções de sujeito. Os lugares que o objeto ocupa na

teoria freudiana alinham-se em torno da tensão entre objeto da pulsão e objeto de identificação. Embora se possa afirmar que o segundo termo ganhe uma maior evidência a partir dos textos da segunda tópica, isso não significa que a noção de objeto da pulsão perca sua importância. O objeto da pulsão, sendo aquele que possibilita a meta de satisfação da pulsão, é o que há de mais contingente nos processos pulsionais. Vale ressaltar que o objeto, nesse caso, não é necessariamente real, mas fantasiado. Invariavelmente, o próprio ego do sujeito se torna objeto da pulsão, tal como descrito no narcisismo. É das vicissitudes desses processos pulsionais que emergem os objetos de amor do ego total, quer seja em uma escolha narcísica, quer seja em uma escolha analítica de objeto. Assim, apesar das diferenças importantes entre os diversos objetos da pulsão ao longo do desenvolvimento, há um traço comum que permeia todas essas concepções de objeto em Freud: sua constitui-

ção pelo sujeito — no caso, um sujeito pulsional e inconsciente. Já o objeto de identificação apresenta outra direção na concepção de sujeito, uma vez que diz respeito à introjeção do objeto que constitui o ego, ou seja, à constituição da subjetividade pelo objeto. Assim, percebe-se em Freud uma dupla concepção da relação sujeito-objeto: a subjetividade constituinte do objeto e o objeto constituinte da subjetividade. É nesse interjogo de experiências afetivo-pulsionais que emerge uma concepção implícita de sujeito. Da mesma forma em que são ambíguos os lugares de sujeito e de objeto, também o é o estatuto empírico do objeto: se por um lado ele pode ser o objeto externo e real que fornece o critério de realidade, normalmente é um objeto psíquico, uma representação. Durante o debate, o autor tem a possibilidade de aprofundar alguns temas, principalmente os temas da representação psíquica, da constituição intersubjetiva através do complexo edípico e da particularidade ou universalidade da noção de sujeito. Em todos eles evidencia-se a complexidade das posições freudianas, irreduzíveis a uma única posição.

Conclui-se, portanto, que o exame das concepções de sujeito e objeto em Freud não

traz um resultado unívoco e livre de ambigüidades. Isso, contudo, deve ser encarado como uma necessidade intrínseca ao movimento do pensamento freudiano. O autor defende, apoiado no filósofo francês Jacques Derrida, que se reconheça em Freud uma lógica não-identitária ou uma lógica da complementaridade, em oposição a uma lógica identitária ou mesmo dialética. Assim, para além da diluição dos pólos de dualidade presentes em Freud (pulsão-identificação, interno-externo, psíquico-empírico e, enfim, sujeito-objeto) em noções como a de complementaridade ou mesmo de síntese dialética, é preciso pensar que cada pólo traz em si uma exigência de suplementação endereçada ao outro. Essa suplementação dinâmica entre as concepções de sujeito e de objeto em Freud é a forma encontrada pelo autor para resguardar as tensões internas e particularidades da construção teórica freudiana sem recorrer a sínteses apressadas ou leituras enrijecidas no sentido de uma ou outra concepção epistemológica.

Se em Freud as concepções de sujeito-objeto são suplementares, em Piaget, o estatuto do sujeito é mais claramente definido e constitui o cerne de sua teoria. A teoria piagetiana descreve a ontogênese das estruturas universais de conhecimento, em uma epistemologia genética. O lugar do

sujeito epistêmico é central: trata-se de descrever as condições necessárias e suficientes na interação entre o organismo e seu meio para o desenvolvimento das estruturas cognitivas universais. Mostrando a interdependência entre a epistemologia genética e o seu instrumental metodológico, a psicologia do desenvolvimento, Maria Thereza de Souza retoma os aspectos centrais do construtivismo piagetiano. Nesse intuito, apresenta o modelo da equilibração na produção de conhecimentos significativos. Baseado no duplo processo de assimilação e acomodação, trata-se de pensar funcionamento da inteligência em todos os níveis de desenvolvimento como um jogo de perturbações, regulações e compensações que restauram o equilíbrio dos esquemas cognitivos em soluções mais abrangentes que integram em sua nova organização os esquemas anteriores. Nesse sentido, a epistemologia genética localiza-se na intersecção entre o construtivismo e a interação sujeito-objeto. Ou seja, o conhecimento só pode ser entendido a partir de estruturas que se desenvolvem através da interação entre sujeito e objeto. O sujeito mostra-se ativo e construtor da inteligência, enquanto o objeto apresenta-se

como um desafio à assimilação que incita reorganização dos esquemas do sujeito, constituindo uma concepção dialética da relação sujeito-objeto. É nessa perspectiva construtivista, interacionista e genética que Piaget oferece uma explicação psicológica para o problema da possibilidade do conhecimento.

Vê-se que nessa perspectiva surge mais claramente um sujeito universal e uma teorização menos ambígua quanto aos pólos dicotômicos clássicos. Por outro lado, pode-se notar que o modelo, apesar de bem costurado no tocante ao conhecimento, deixa em aberto alguns outros aspectos. As dimensões da cultura, da afetividade e de realidade são tema de esclarecimento por parte da autora. Começando pela realidade, mostra que para Piaget o estatuto da realidade empírica está preservado, apesar de sua assimilação ser função dos esquemas cognitivos do sujeito. O problema maior recai não exatamente sobre a realidade ou não do objeto, mas sim sobre o seu estatuto: físico, afetivo e/ou social. Tanto no tocante à cultura quanto à afetividade, a questão precisa ser analisada do ponto de partida piagetiano, que circunscreve: (1) a ênfase nas condições biológicas, (2) a busca da universalidade em detrimento do contingente, (3) o

modelo explicativo lógico-matemático e (4) a natureza do conhecimento como questão norteadora. Piaget é bastante taxativo ao afirmar que desenvolvimento cognitivo e afetivo andam lado a lado no desenvolvimento psicológico. A idéia geral é que a afetividade seja a energia que impulsiona a construção do conhecimento, cuja estruturação se dá através da cognição. Ela é fornecedora de conteúdos e significados para o indivíduo e não a constituinte de sua capacidade assimiladora. Em outras palavras, a afetividade fornece metas e interesses, além de perturbações no equilíbrio, mas é incapaz de gerar novas formas de organização da atividade cognitiva. Já no tocante à cultura, a abordagem piagetiana costuma ser taxada de simplista. Isso se dá porque nela a interferência cultural é entendida como equivalente às relações sociais estabelecidas ao longo da vida. Da mesma forma, raramente são discutidas as implicações de uma diferença entre objetos físicos e sociais. Assim, as dimensões cultural e afetiva são secundárias em relação ao modelo universal macrogenético. Isso não quer dizer, contudo, que o modelo piagetiano aí se esgote: a microgenética – o estudo das contingências individuais no desenvolvimento psicológico – e a moralidade são importantes temas de pesquisa contemporâneos.

Ernst Boesch pode ser considerado um autor de "fron-

teira” entre Freud e Piaget. Menos conhecido no Brasil, o autor é um dos pioneiros da psicologia cultural européia. Sua teoria é de vertente construtivista, porém de caráter semiótico-cultural. Lívia Simão apresenta em seu artigo as linhas gerais da *teoria da ação simbólica* em Boesch, para daí inferir uma concepção de sujeito. Essa teoria se assenta na tríade cultura-ação-objeto, na qual a relação sujeito-objeto se torna nuclear. A ênfase aqui é no interjogo dos objetos culturais e a significação da ação do sujeito. Nesse sentido, a obra de Boesch traz desenvolvimentos importantes para o construtivismo psicogenético piagetiano. A cultura é central na teoria boeschiana, sendo entendida como um campo para a ação do sujeito. Ela interage com a ação do sujeito através da disponibilização de oportunidades e limitações de significação. A relação entre eu e mundo deve ser entendida como uma união indissociável e co-constitutiva entre a ação do sujeito e os objetos culturais. Trata-se de uma relação eminentemente simbólica, em que a ação com relação ao objeto estrutura-o em função de um significado. Dessa forma, toda ação se dirige para um objeto e todo objeto ganha significado por essa ação do sujeito. Sujei-

to e objeto, portanto, compõem uma díade em que cada um define o outro sem, contudo, se descaracterizarem enquanto pólos particulares de uma relação. O sujeito é eminentemente um sujeito simbolizador, que dota os objetos de significado ao agir sobre eles. Essa relação, contudo, não é unívoca. Além da função de campo delimitador e organizador do sujeito pela cultura, há também que se distinguir as várias dimensões de sentido do objeto para o sujeito que são, fundamentalmente, os aspectos objetivo-racional e subjetivo-funcional. De qualquer forma, é do interjogo cultura-ação-objeto que emerge a identidade. Ou seja, é na relação com a significação dos objetos que o sujeito descobre suas potencialidades de ação, estruturando, além de seu mundo físico, seu próprio significado enquanto pessoa. A teoria da ação simbólica tem como ponto central a relação sujeito-objeto, entendida em uma vertente semiótico-cultural. A autora conclui definindo a concepção de sujeito em Boesch como um sujeito epistemológico afetivo-cognitivo fundado na ação simbólica.

A ênfase na dimensão simbólico-afetiva da ação traz avanços para o construtivismo, relativizando a dimensão cognitivo-racional e, por conseguinte, afastando-se do foco central do modelo piagetiano. É importante ressaltar a dimensão prioritária na teoria. Assim como no modelo piagetiano a questão

da cognição e do sujeito epistêmico é central, em Boesch se trata da dimensão simbólica, comunicativa e cultural do ser humano. Nesse caso, vê-se que o construtivismo de Boesch encontra desdobramentos fecundos na investigação da criação de significações através da comunicação humana como, por exemplo, o faz a autora. De qualquer forma, o debate oferece a oportunidade de alguns esclarecimentos sobre a concepção boeschiana. Em especial, é interessante acompanhar a descrição da atividade do objeto e o equilíbrio dinâmico implícito na noção de identidade do sujeito. Nesses, é fundamental o papel do outro sujeito enquanto objeto simbólico. Essa dimensão da teoria de Boesch é que o aproxima de uma perspectiva psicanalítica, na medida em que traz o conflito simbólico para o cerne de sua proposta construtivista. Por outro lado, também são tratadas questões mais próximas do referencial piagetiano, como a universalidade da concepção do sujeito e o estatuto do objeto físico. No tocante a essas questões, contudo, Boesch se distancia do modelo das ciências naturais de Piaget. O lugar do universal perde força, uma vez que se busca a universalidade da diferença, compreendendo a estruturação simbólica individual a partir de seu contexto cultu-

ral. Outro ponto de divergência importante é o desenvolvimento dos esquemas afetivos, pois Boesch defende que esses levam a estruturas de ação específicas, discordando do paralelismo nos desenvolvimentos afetivo e cognitivo, tal como postulado por Piaget.

A leitura dos artigos e respostas possibilita o aprofundamento, por comparação, de questões básicas à qualquer teorização psicológica. Observa-se que os recortes teóricos são fruto de ênfases distintas e implicam, conseqüentemente, em abordagens variadas. Contudo, o leitor atento não deixará de notar a recorrência de algumas questões que transcendem os modelos teóricos e dizem respeito à própria configuração do campo de interlocução entre a epistemologia e a(s) psicologia(s). Nesse sentido, há uma tensão que percorre todo o livro, cuja temática é justamente a oposição entre o sujeito universal do conhecimento e as contingências do ser em sua relação com o outro humano. Essa tensão, todavia, é constituinte do próprio espaço do saber psicológico. O trabalho ora resenhado nos dá um bom panorama dessa problemática.